



Uma Conversa Com Joel Silveira¹

Fernando Albuquerque Miranda²

Aluno do curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João Del-Rei

Resumo: Nessa entrevista realizada com o jornalista Joel Silveira no dia 14 de dezembro de 2006 são abordadas questões referentes à sua prática e trajetória no jornalismo impresso. Resgata-se parte de sua memória em relação à cobertura jornalística da Segunda Guerra Mundial, feita para os Diários Associados, bem como algumas de suas opiniões sobre o fazer jornalístico de sua época em comparação com a atual. Essa entrevista faz parte do material reunido para minha dissertação de mestrado no curso de Letras da UFSJ, que tem como objetivo analisar o impacto dos meios de reprodução de imagens em movimento nos livros-reportagem sobre guerras.

Palavras-chave: cobertura de guerra; Joel Silveira; jornalismo impresso; livro-reportagem.

“Bem, meu nome é Joel Silveira, jornalista de 26 anos, e estou indo para a guerra. Voltarei?” (SILVEIRA, 2005, p. 24). Com essa breve apresentação e com a curta indagação que revela um misto de apreensão e dúvida em relação ao destino, que pode-se deduzir ser comum a todos os correspondentes que partem para cobrir uma guerra, Joel Silveira iniciava o último parágrafo de sua primeira reportagem, intitulada “O primeiro dia”, para os Diários Associados. A empreitada dali para frente seria reportar a Segunda Guerra Mundial, acompanhando a Força Expedicionária Brasileira (FEB) na campanha na Itália. Era 1944 e Joel redigiu seu primeiro texto ainda atracado no litoral do Rio de Janeiro, no navio que o levaria junto com cerca de 6 mil soldados brasileiros para Nápoles. Seu trabalho se estenderia por nove meses, tempo em que presenciaria a tomada do Monte Castelo, a rendição da 148ª Divisão Alemã aos brasileiros e a morte de Mussolini em Milão.

Entre os correspondentes brasileiros ele era o mais jovem e confessa nessa entrevista não saber até hoje o motivo de ter sido o escolhido de Assis Chateaubriand. “Até hoje eu não sei porque o Chateaubriand me escolheu porque já havia lá o Carlos Lacerda que queria ir, o David Nasser queria ir, o Edmar Morel, vários queriam ir né.” E ao escolhê-lo entre esses jornalistas, na época muito mais conhecidos e experientes, o

¹ Trabalho apresentado ao GT 1 – História do Jornalismo, do V Congresso Nacional de História da Mídia, Facasper e Ciec, São Paulo, 2007.

² Mestrando em Letras pela UFSJ, pós-graduado em Marketing e Comunicação Corporativa pelas Faculdades Santo Agostinho (2005), professor de jornalismo e jornalista formado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1992). Endereço eletrônico: nandominas@hotmail.com.



dono dos Diários Associados apenas lhe fez uma recomendação, conforme registra Joel nas últimas linhas de sua primeira reportagem:

Lembro-me das palavras de Assis Chateaubriand, meu patrão, quando dele me fui despedir, já devidamente fardado: “*Seu Silveira, me faça um favor de ordem pessoal. Vá para a guerra mas não morra. Repórter não é para morrer, é para mandar notícias.*” Prometi obedecer cegamente a suas ordens, e tenho de cumprir a promessa. (idem, ibidem, p.24)

Joel cumpriu a promessa e, quando retornou da guerra, lançou “Histórias de pracinhas”, em 1946, livro que encontra-se esgotado e que reunia seus textos publicados nos Diários Associados e mais escritos que na época haviam sido censurados pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Esta edição serviu de fonte para a editora Objetiva selecionar os textos que formam a coletânea “O inverno da guerra”, lançada em 2005 dentro de sua coleção Jornalismo de Guerra.

Essa entrevista surgiu da necessidade de reunir material para minha dissertação, cujo objetivo é analisar os impactos e influências dos meios de reprodução de imagens em movimento nos livros-reportagem sobre guerras. Um dos livros analisados é justamente “O inverno da guerra”, daí o motivo pelo qual tornou-se fundamental procurar Joel Silveira para registrar seu depoimento. Mas o que seria a princípio apenas uma entrevista para tirar dúvidas sobre a hipótese de meu trabalho evoluiu para uma conversa que por várias vezes resvalou na informalidade.

Joel me atendeu por telefone de seu apartamento no Rio de Janeiro no dia 14 de dezembro de 2006. Aos 88 anos, o jornalista não pôde conversar comigo pessoalmente. Com a idade avançada, me explicou que já não enxergava direito e ficava a maior parte do tempo deitado na cama. Impossibilitado de ler, não perdeu contudo o gosto por manter-se informado. Confidenciou-me que passava horas “assistindo” televisão, e realmente mostrou-se a par dos últimos acontecimentos naquela ocasião.

Com extrema gentileza, o jornalista que acompanhou os maiores acontecimentos da história recente do Brasil e que é considerado o pioneiro do jornalismo literário no país (PENA, 2006, p. 65), apesar de ele mesmo negar isso, deixou parte de sua memória registrada nessa conversa. Falou-me das condições de trabalho na Itália, onde chegou a pegar um inverno de 20 graus negativos, dos momentos em que sentiu a morte passar por perto, da volta triunfante para o Brasil e da polêmica mantida de forma involuntária com Mário de Andrade.



Apesar de negar o convívio de elementos informativos e romanescos (MORIN, 1967) – o que é típico dos produtos da indústria cultural conceituada por Adorno e Horkheimer (1982) – em seu texto, em vários momentos Joel confirmou essa tendência pela reprodução de alguns depoimentos (como o de seu amigo Carlos Heitor Cony que, segundo ele, considerava seus escritos “verdadeiros libretos”). A seguir alguns trechos da entrevista.

Como o senhor lidava com as tecnologias disponíveis naquela época em sua cobertura da Segunda Guerra Mundial?

Bom, naquele tempo o trabalho era muito precário. Não havia os recursos que hoje se tem. Hoje o correspondente de guerra pode cobrir a guerra do quarto do hotel. Ele tem tudo ali, televisão, internet, aquela coisa toda. Mas na Segunda Guerra Mundial o correspondente, quer dizer, no meu caso, no caso do Rubem Braga, nós tínhamos que estar junto com os soldados, na frente. Eu, como era dos Diários Associados, eu tinha direito a mandar telegramas, que era um serviço muito caro. Já o Rubem Braga, que era do Diário Carioca, um jornal pobre, ele não tinha esse recurso. De maneira que o que o Braga escrevia só saía publicado aqui dois meses depois. E eu não, eu saía instantaneamente. Claro que eu não mandava tudo por telegrama, o que custaria um dinheirão, só as coisas mais importantes, como a conquista do Monte Castelo, a rendição da 148ª Divisão Alemã aos brasileiros, a morte do Mussolini lá em Milão. Isso eu mandava por telegrama, compreendeu? O resto então da guerra eu mandava por crônicas.

O senhor chegava a enviar material todo o dia para Brasil?

Todo dia, todo dia. Às vezes mandava três vezes por dia.

E esse material saía aqui no outro dia?

Às vezes até no mesmo dia. Quando chegava de manhã, saía. Porque os Diários Associados, além dos matutinos, tinha os vespertinos. Aqui no Rio eram O Jornal e O Diário da Noite. Quando não saía no jornal do dia seguinte, saía à tarde no Diário da Noite. E isso no Brasil inteiro, porque naquele tempo os Diários Associados tinham 27 jornais e rádios. Não havia ainda televisão.

O senhor procurava usar o recurso da descrição, por exemplo, para compensar o fato de não haver fotografias do acontecimento no momento exato em que realizava sua cobertura?



Ah, Claro. Eu era o mais preciso possível, com detalhes, tal e coisa. No caso de Monte Castelo, eu fui o único correspondente a chegar com a Divisão Brasileira, o 7º Regimento Brasileiro, lá no topo do Monte Castelo compreendeu? E de lá mesmo eu já mandei. Escrevi lá na mesa. Havia tiroteio. Porque o ataque ao Monte Castelo começou às 5 da manhã e terminou às 5 da tarde né? E lá todo mundo tremendo ainda de nervosismo né? Eu escrevi lá mesmo porque lá em cima do Monte Castelo havia uma granja, de um camponês que cultivava cevada, e lá que os alemães tinham se escondido, se aquartelado. Eu botei a máquina, porque sempre que andava eu ia com minha máquina né, e lá mesmo em Monte Castelo eu escrevi a reportagem. Desci, fui para Verona, para o censor militar, que era um brasileiro, cortar tudo que quisesse né.

A censura americana era muito boa. Era só evitar citar nomes, essa coisa toda, para não localizar para o alemão né. Era um capitão chamado Boavista, Roberto Boavista, filho do banqueiro que era dono do Banco Boavista. E ele ficou muito meu amigo porque quando foi da rendição de um regimento lá, de uma patrulha alemã, o oficial alemão me deu uma pistola, uma Luger, que, segundo o exército alemão, o oficial só poderia devolver a pistola para outro oficial. E o correspondente de guerra é tido como capitão, tanto assim que no mês passado eu fui aposentado não como capitão, porém como segundo tenente, compreendeu? Hoje eu sou segundo tenente do Exército Brasileiro, reformado né. Então eu dei essa Luger para o Boavista. Ele ficou muito alegre. Ele sempre quis ter uma Luger, aquela pistola fantástica alemã, e ficou muito meu amigo, de maneira que facilitava. Às vezes prendia os outros despachos dos correspondentes cinco minutos. Ele prendendo cinco minutos eu saía na frente compreendeu? Ele me facilitou muito a vida, o Roberto.

E como o senhor lidava com a questão do tempo, para apurar e redigir as matérias?

Eu não tinha praticamente necessidade disso porque meu único concorrente... Não havia essa preocupação de furo porque a gente saía de Pistóia e ia para Porreta-Terne e lá cada um, cada correspondente, tinha direito a um jipe e a um terceiro sargento motorista. Cada um tomava o seu destino. A gente ia lá na seção dois, que era do Castelo Branco, via lá qual eram as posições brasileiras... Cada um tomava a sua direção compreendeu? Eu andava sempre com o Mitke (Thassilo, fotógrafo da Agência Nacional), que não era meu concorrente porque ele era fotógrafo. O Braga (Rubem) ia para um lado, o Egydio Squeff do Globo ia para o outro. Cada um ia para o seu, com seu jipe. Era impossível para um só cobrir toda a frente brasileira, que eram 23



quilômetros. Não era possível cobrir tudo. E depois, cada um escolhia: “Não, eu vou pra cá”, “Então eu vou pra cá”, “Eu vou pra cá”. De maneira que não havia essa preocupação em dar furo, compreendeu? Não tinha razão de ser.

O seu livro “O inverno da guerra” é na verdade uma coletânea de matérias.

É uma coletânea que a Objetiva tirou desse livro “Histórias de pracinhas”. Eles mesmos tiraram, fizeram a seleção toda. E esse livro vai ser filmado agora pelo Bruno (Cao) Hamburger, cineasta de São Paulo. Ele já telefonou para mim e eu o mandei entrar em entendimento com a Objetiva para ver como pode fazer isso.

Neste livro só o primeiro capítulo, intitulado “Não foi um passeio”, foi escrito pelo senhor especialmente para a edição da Objetiva.

Claro que não foi. O negócio foi duro mesmo. Muito duro. Não só porque guerra é sempre dura, mas pelas condições climáticas, um inverno rigoroso né, 19, 20 graus abaixo de zero, que nós não estávamos acostumados, e pela situação geográfica. O setor que a FEB defendeu, na frente dos Apeninos, foi o mais ingrato possível. Os próprios comandantes militares, o próprio General Mark Clark, o General Crittenberger (Willis), os generais americanos reconheciam isso. Um deles, antes de ir embora, disse: “Coube à FEB, aos soldados brasileiros, o setor mais ingrato da frente Apenina”. A gente vivia numa cratera. Não havia dia, porque de noite era o black out e de dia se queimava óleo diesel para formar aquela neblina artificial para que os alemães, lá de cima do morro onde eles estavam, não nos percebessem. Porque se eles percebessem atiravam imediatamente. Era uma chuva de morteiro terrível. Uma situação muito ingrata. Ficamos lá quatro meses. Foi um inferno. Numa dessas vezes um morteiro atingiu um cineminha que tinha lá em Porreta-Terne e matou 23 civis e três soldados brasileiros.

Por falar em cinema, nesta época era o meio de comunicação hegemônico...

(Interrompendo) Tinha dois cinegrafistas da Agência Nacional também horrível compreendeu? Horríveis. Tanto assim que, sob o ponto de vista de cinema, quem fez um material razoável foram os cinegrafistas americanos, porque esses cinegrafistas da Agência Nacional eram horrorosos. Não sei porque a preocupação da Agência Nacional de mandar o que havia de pior. Talvez porque o Getúlio não quisesse muito que a FEB se sobressaísse. Tanto não queria que quando a FEB voltou para o Brasil, ainda na Itália, o Getúlio baixou um decreto dissolvendo a FEB compreendeu? De maneira que os soldados iam chegando aqui e eram imediatamente emitidos para os seus quartéis anteriores. Quem era de Pernambuco ia para Pernambuco... Porque ele não queria a união da FEB. Porque a FEB vinha muito gloriosa né, e o Getúlio já receava um golpe.

A FEB tinha convivido com os americanos. Então o soldado brasileiro recebeu não só lição de guerra dos americanos, mas também lição política. Aprendeu o que era uma democracia compreendeu? E fatalmente comparava: “Puxa aqui o regime é outro né!”. E viram o exemplo do General Patton (George Smith Patton Jr.), que deu uma bofetada num soldado e foi imediatamente destituído. E era o maior general que os aliados tinham. Mas não tinha conversa. Se um general brasileiro aqui der um tapa num soldado não acontece nada né. Pelo menos no tempo do Getúlio não. Hoje é diferente. Agora mesmo no Chile eu estou vendo que o neto do Pinochet, que elogiou o avô, o canalha né, foi expulso hoje (14/12/2006) do exército. No tempo do Getúlio não. General era general né, impunha tudo, não tinha que prestar contas a ninguém. Tanto é que o Getúlio tinha receio disso, que a FEB viesse com esse vírus da democracia, como de fato veio né. O Getúlio muito sagaz, muito arguto, dispersou a FEB logo, ainda quando a FEB estava na Itália. Quando chegou aqui, não houve, portanto, oportunidade nenhuma de se agrupar. A FEB foi dividida, subdividida, cada um foi para seu quartel originário e acabou a FEB. Ele só permitiu um desfile, do primeiro escalão, que desfilou pela avenida Rio Branco. Já o segundo escalão e o terceiro, não houve desfile não houve nada.

Em relação ao cinema em Porreta-Terme. O senhor chegou a freqüentá-lo durante o período em que esteve na Itália?

Ah, ia muito. Geralmente eram filmes americanos, tipo faroeste. Ou então filmes italianos, não do tempo do Mussolini, de antes do Mussolini. Aqueles filmes de grandes epopéias, a conquista do império romano, a vida de César, aquela coisa toda.

Então dava tempo de o senhor ir ao cinema.

Ah, de noite, assim, eu ia lá. Era um cineminha apertado, dava umas 200 pessoas. Nesta noite eu ia até, nesta noite do morteiro eu ia, mas estava tão frio que: “Ah, eu não vou sair daqui. Vou ficar aqui enrolado no meu sleeping bag (um envelope que a gente entrava dentro né, e dormia). Não vou sair daqui não porque está muito frio”. Depois eu soube. Eu ouvi o barulho né: “Que diabo que é isso?”. Só no dia seguinte que eu fui saber.

O senhor acha que de alguma forma o cinema influenciou seu trabalho como jornalista?

Não, não, nenhuma influência não. Eu era do cinema apenas um admirador. Eu gosto de cinema, eu gosto de ver, mas não sou um cineasta. Meu neto é, eu não. Não tenho qualquer influência não.



Digo isso porque quando li “O inverno da guerra” os fatos eram tão bem descritos, tão bem reportados, que às vezes eu imaginava cenas.

(Interrompendo). É. Já me falaram isso. O Carlos Heitor Cony disse: “Puxa, você tem comunicações que são verdadeiros libretos”. Quer dizer, o filme já está pronto. Foi isso que o Bruno (Cao) também notou né. “Puxa, é fácil filmar o seu livro. Praticamente já está escrito o”, como se diz, “o script.” “Então também está pronto.”

O senhor acredita que o surgimento do cinema modificou a percepção dos leitores em relação ao jornal impresso? Os leitores passaram a ficar mais exigentes em relação ao aspecto imagem?

Não, eu acho que não. Cinema é uma coisa e jornal e imprensa é outra, a não ser documentário. Documentário que não deixa de ser jornal né. O documentário é o jornalismo em imagens né. Mas o filme propriamente dito não.

Porque na época em que o senhor cobriu a Segunda Guerra não existia essa superabundância de imagens como se tem hoje. Na guerra do Iraque os jornais não precisavam nem descrever os fatos.

Exatamente. A guerra do Iraque foi filmada do hotel né. O jornalista da CNN estava filmando do hotel, vendo Bagdá ser bombardeada. É isso que eu digo, hoje você pode fazer uma guerra do quarto do hotel, tal os recursos que você dispõe, internet, telefone, tudo isso né. Você tem auxílio e tudo, te dão dinheiro. A televisão né. A televisão é uma coisa fantástica. É instantâneo né.

Daí o fato de que os jornais hoje em dia estão cada vez mais sem texto e com mais imagens.

É exatamente. Não tem lugar mais nos jornais para as grandes reportagens como se fazia antigamente, grandes no tamanho e também no assunto que tratavam. Porque não há espaço nos jornais tal o afluxo de notícias que chegam diariamente no jornal. Você vai hoje aqui no Brasil nos grandes jornais, no Estadão, no Globo, você passa lá uma noite... Quando eu podia caminhar eu ia lá ver eles, visitar meus colegas, e via o afluxo de notícias que chegava. Era impressionante! De maneira que o papel hoje mais sério no jornal é do editor, porque com aquelas toneladas de notícias e ele saber exatamente o que deve escolher é um trabalho terrível né. Tem que ter um faro jornalístico fantástico.

E ainda com essa questão da imagem...

A imagem também, porque hoje a fotografia chega instantaneamente. Impressionante! Hoje você pagina um jornal pela internet. Tudo, tudo. Você faz um jornal pela internet. Você vê que as redações hoje têm cada vez menos pessoas, mas em



compensação os jornais têm mais matérias, tais os recursos tecnológicos que você dispõe. Antigamente as redações tinham cem pessoas. Impressionante! Quem cobria o senado, a câmara, polícia, essas coisas, cada delegacia tinha que ter um repórter, igreja. Era um inferno. Hoje não, uma grande redação, como O Globo, tirando os correspondentes internacionais e a televisão, mas de jornal propriamente, hoje 30 pessoas fazem O Globo, não há a menor dúvida.

Durante a Segunda Guerra como era sua relação com as fontes?

Bom, no princípio, como a FEB tinha sido criada, como todo o exército brasileiro tinha sido criado, sob a tutela de Getúlio, então o soldado brasileiro era um fascista né. Havia uma minoria de oficiais, geralmente os convocados, porque grande parte da FEB foi de convocados. Um terço da FEB não era de soldados nem de oficiais efetivos, foi convocada. Essa parte convocada tinha vários democratas compreendeu? Que não gostavam do Getúlio. Mas o grosso tinha sido criado na escola de Getúlio. De maneira que quando nós – eu, dos Diários Associados, o Braga, do Diário Carioca, e o Squeff, do Globo – chegamos lá, fomos recebidos com grande desconfiança, até que eu resolvi procurar o general Mascarenhas de Moraes. Aproveitei que chegassem à Itália os primeiros recortes das nossas crônicas, os despachos meus, do Braga e do Squeff, me armei com esses recortes e fui pro Mascarenhas e disse: “Olha general. Está aqui o que nós publicamos. O senhor vê que nós viemos aqui para ajudar a FEB, para elogiar a FEB. Eu estou sentindo que há um certo arredio. Quando nos aproximamos dos oficiais eles se afastam, não respondem, não nos procuram.” Quando o Mascarenhas viu aqueles despachos, todos elogiosos, porque realmente a FEB merecia todos os elogios, então a postura dele diante de tudo mudou radicalmente. Ele começou a marcar conversas semanais para conversar abertamente. Dizia a nós: “Isso eu vou cortar, mas vocês não contem.” E realmente quando ele viu que nós não iríamos trair o pedido dele, compreendeu, ele já viu que podia confiar em nós, então ele se abria quando conversava com a gente e a coisa mudou radicalmente depois que esses primeiros despachos chegaram lá. Mas no princípio foi muito duro. Uma barreira terrível. A gente não podia vencer. O que falava mais conosco era o Cordeiro de Farias, porque além de general, um grande general, foi o comandante da artilharia, ele era um general político, já tinha sido interventor no Rio Grande do Sul, e estava acostumado em tratar com jornalistas, sempre foi ameno e nos recebia muito bem compreendeu? Um dos soldados, um sargento, que fazia parte do estado maior dele era o filho do Osvaldo Aranha, o Osvaldo Aranha Filho, que também gostava muito de jornalismo. De maneira que a gente sempre



estava no PC do Cordeiro. E com ele eu nunca tive dúvida. Ele se abria com a gente. Às vezes ele dizia: “Olha, eu vou botar isso, mas vocês não podem contar.” Ele sabia que nós íamos... Era um trabalho muito fácil.

O exército americano também checava o material que vocês escreviam?

O exército americano delegou isso ao Boavista. Mas a censura era muito amena. Era só evitar dizer o nome exato das cidades onde estávamos. Ao invés de dizer que estávamos em Porreta-Terme, dizia-se Cota 6, para evitar que os alemães tomassem conhecimento.

Logicamente houve momentos de perigo durante seu trabalho.

É o perigo que todo soldado passou né. Havia o perigo de levar uma bala, o perigo de pisar numa mina né, quando o grupo se avançava, as minas ainda não haviam sido retiradas, de você pisar numa mina, porque os alemães eram gênios de despistar né, de esconder a mina. Você às vezes pisava sem saber. Muita gente morreu disso compreendeu? Eu tive sorte, não tive nada com isso. O Braga ainda levou um tiro no polegar da mão esquerda já no final da guerra, mas eu não. Teve um estilhaço de granada que atravessou meu capacete, mas não chegou a me... Eu estava exatamente no PC do Cordeiro de Farias quando caiu uma granada e um dos estilhaços pegou no meu capacete. Se eu estivesse sem capacete eu estava fulminado na hora. Mas eu dei uma sorte, eu tive muita sorte na guerra.

Houve recomendações dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, em relação à linha que o senhor deveria seguir na cobertura da guerra?

Não, não. O único pedido que o Chateaubriand me fez foi desse jeito: “Seu Silveira!” – ele falava assim – “O senhor vai pra guerra seu Silveira! Mas não me morra seu Silveira! Não me morra! Se o senhor morrer eu o demito na hora seu Silveira! O senhor vai matar alemão seu Silveira!” Ele só me pediu para não morrer se não ele me demitia (risos). Eu tinha 26 anos de idade. Até hoje eu não sei porque o Chateaubriand me escolheu porque já havia lá o Carlos Lacerda que queria ir, o David Nasser queria ir, o Edmar Morel, vários queriam ir né. Mas eu não sei porque, eu só tinha dois meses de Associados e ele resolveu que queria eu. Fiquei completamente surpreso. Jamais poderia imaginar que seria eu o escolhido.

E quando o senhor foi o escolhido, bateu um receio?

Não, eu estava doído para ir. Mas nunca nem entrei no páreo né, porque os outros pretendentes eram tão fortes, além de serem amigos pessoais do Chateaubriand, como no caso do Carlos, do David Nasser, do Morel, já estavam lá há mais tempo, muito mais



tempo né. E eu tinha dois meses. Então eu não agüentava essa briga de jeito nenhum. Mas aí ganhei. Ganhei sem entrar. Porque Chateaubriand me escolheu até hoje é um mistério para mim. Mas ele ficou satisfeito. Quando eu cheguei, ele fez um discurso no senado. Ele era senador. Fez um artigo, me levou para almoçar no Country Club, na Gávea, coisa que ele só fazia com pessoas assim né, me tratou muito bem o Chateaubriand.

O senhor foi o mais novo correspondente de guerra do Brasil.

Fui. E eu era muito paparicado pelos outros correspondentes. Mas depois chegou uma moça da união sul-africana, com 25, uma beleza, uma loirinha linda, então ela tomou o meu posto, me destronizou. Que beleza de mulher! Uma garota de 25 anos linda! Ela era parente do Botha (Louis), que naquele tempo era o presidente da União Sul-africana, o homem do apartheid, terrível né.

Gostaria de voltar à época em que o senhor retornou ao Brasil.

Aconteceu o seguinte: eu tinha saído dos Associados né. Quando eu cheguei, o Samuel Wainer me convidou e disse: “Olha Joel, agora o Diretrizes” – que era o semanário onde eu trabalhava – “passou a ser jornal, você tem que voltar pra lá.” Daí eu disse: “Mas o Samuel, o Chateaubriand tem me tratado muito bem, tem me pago tanto bem.” “Mas seu Joel, você é um dos fundadores do Diretrizes. Você tem que voltar.” Eu fui para o Chateaubriand e disse: “Olha doutor Assis, acontece que eu estou completamente encabulado. O senhor tem me tratado muito bem, me pago bem, mas acontece que o senhor sabe que eu vim aqui para encher seu saco.” “Tá bom seu Silveira, o senhor quer ir, pode ir. Agora, o senhor preste atenção no que eu vou dizer: O senhor vai se arrepender! O senhor vai voltar!”. E não deu outra. O Samuel tinha feito Diretrizes diário, transformando a revista em diário, vendeu o jornal para o grupo getulista lá, eu era violentamente contra o Getúlio e eu tive que sair né. Fiquei desempregado. Isso foi em 46. Por orgulho besta não quis voltar para o Chateaubriand. Eu tenho a impressão de que ele me aceitaria de volta. “Eu disse ao senhor que o senhor se arrependeria.” Mas foram dois anos aí sem... Eu que tinha chegado no alto da carreira como correspondente, de repente me vi sem nada. Tive que começar tudo de novo com essa canalhice que o Samuel fez comigo. A história foi essa.

E o que fez a seguir?

Depois eu consegui um emprego no Correio da Manhã com a Niomar Muniz Sodré né, ali com o Paulo Bittencourt. Aí fui para o Diário de Notícias, onde fiquei 17 anos. Lá no Diário de Notícias eu fui diretor do Mundo Ilustrado, que era uma revista do



Diário de Notícias, e depois eu fui para a Manchete, onde eu fiquei 20. Aí com a Manchete eu comecei a correr o mundo todo né.

E como foi a receptividade dos leitores quando o senhor voltou da guerra?

Ah, eu recebia muita carta. Mais agradecendo, mães. Eu me lembro que uma camponesa, que tinha fazenda, aqui do estado do Rio, de repente surge lá em casa – não sei como essa mulher conseguiu meu endereço –, aparece lá com um porco de presente. “Mas minha senhora o que que eu vou fazer com esse porco? Pelo amor de Deus!” Compreendeu? Davam presentes, me telefonavam convidando para visitar as cidades. Eu fiquei muito popular com o pessoal. E na colônia italiana então foi formidável porque havia pais que moravam aqui no Brasil que não viam os filhos há dez anos, 5 anos, 6 anos. A guerra estourou e eles perderam o contato. E lá eu transmitia os recados desses filhos de italianos para os pais que moravam aqui, então eles ficaram profundamente gratos comigo. A colônia italiana aqui no Rio me ofereceu um jantar fabuloso no Automóvel Clube, com o embaixador italiano, o cônsul italiano. Eles ficaram muito agradecidos com esse negócio.

E hoje qual a avaliação o senhor faz de seu trabalho na Itália?

Bom, eu acho que fiz um bom trabalho né, tanto assim que estão reeditando meus livros. Eu não pedi para ser reeditado. Eu acho que fui, sem qualquer orgulho, eu sou incapaz disso, e também odeio a falsa modéstia, eu acho que fui o melhor correspondente de guerra que o Brasil já teve. Não tenho a menor dúvida. E os próprios reconhecem isso, meus colegas aí. Porque eu me dediquei a fundo para essa tarefa né. Não dormia, dormia pouco nos instantes mais avessos, mais ingratos, compreendeu? Mas eu fui até o fim. Não tenho dúvida.

Seu estilo jornalístico é considerado precursor do jornalismo literário no Brasil. Como vê essa relação entre jornalismo impresso e literatura?

Não, eu nunca notei isso não. Eu sempre escrevi dessa maneira, compreendeu? Nunca tive pretensão para isso. Depois é que descobriram isso, que eu era o criador do novo jornal no Brasil. Nunca me ocorreu que tivesse sido, compreendeu? Que era o novo Truman Capote, aquela coisa. Mas eu nunca fiz questão. Eu nem conhecia Truman Capote, nunca tinha lido Truman Capote. Eu me lembro que quando publiquei o primeiro livro de contos, que eu também fazia uma ficção né, o Mário de Andrade escreveu uma crítica no Diário de Notícias, ele era o crítico oficial do Diário de Notícias, elogiando muito o livro, mas dizendo que tinha grandes influências da Katherine Mansfield. Olha, eu nunca tinha ouvido falar da Katherine Mansfield.

Nem falar, se dissesse que era marca de biscoito para mim... E caí na asneira de dizer isso. Eu devia ter ficado calado, porque o Mário de Andrade era o supra-sumo da crítica nacional, um elogio dele era mais um... Eu disse não, que ele estava enganado, que eu nunca tinha lido. E como ele era muito vaidoso, ele veio com um artigo violento contra mim.

O senhor então escreveu um artigo dizendo que não havia essa semelhança?

É, escrevi que não havia. Eu devia ter ficado calado né. Ele escreveu um artigo, “O tostão contra o milhão”, eu era o “tostão”, ele era o “milhão” né. Quem saiu em minha defesa foi o Graciliano Ramos né. Ele disse: “Calma Mário, vai com calma! Esse tostão de hoje pode ser o milhão de amanhã. Você está sendo muito perverso com o rapaz.” Compreendeu? Durou uns dois meses essa briguinha aí.

O que Mário de Andrade dizia exatamente?

Ele elogiava muito o livro, mas dizia isso, que eu tinha influência da Katherine Mansfield. Eu nunca tinha lido Katherine Mansfield. Só vim a lê-la dez anos depois.

E quando o senhor disse isso...

Ele ficou irritadíssimo, compreendeu? Ele era muito vaidoso, o Mário né. Era um mulato pachola. Vaidoso pra burro né. Era o Gilberto Gil daquele tempo. Era um pacholão, vaidoso, falava difícil.

Ele não aceitou o que o senhor disse.

Não, não aceitou de jeito nenhum. Veio violento para cima de mim.

O que ele argumentava?

Que eu era o tostão, não podia contraditar ele. Aquela coisa dele, de vaidoso. E ficou meu inimigo a vida inteira né. Foi burrice minha. Eu nunca fui um grande diplomata não. Às vezes eu meto os pés pelas mãos. É o diabo.

Em relação àquele período, de controle da imprensa por parte do governo de Getúlio, o senhor tentava escrever seus textos com informações nas entrelinhas? Digo, para driblar a censura?

A gente tentava né. Aquela literatura subliminar, mas não dava certo né, mesmo porque a censura era muito esperta também né. Descobria logo. Aí dava problema, não para a gente, mas para o diretor do jornal. Aí a gente evitava né. Escrevia sobre literatura, essa coisa toda, tal, compreendeu? Não cabia não. O DIP era terrível né. Era de grandes profissionais da imprensa também. De maneira que eles sabiam todos os truques. Eles também eram jornalistas né. Era muito difícil enganá-los, muito mesmo.

A mistura de jornalismo e literatura gera também uma confusão entre realidade e ficção. Como o senhor analisa essa questão?

Bom, o mau repórter é aquele que quer inventar, quer enfeitar a notícia. Eu acho a notícia uma coisa muito sagrada. A notícia é a notícia, o fato é o fato, você não pode acrescentar nenhuma coisa ao fato. Agora, você tem várias maneiras de você retratar aquele fato. Eu tenho uma, você tem a sua, essa coisa à toa, compreendeu? Essa minha maneira que eu sempre tive em retratar o fato é que criou essa trajetória do novo jornalismo né. “Ah, o Joel Silveira é o inventor do novo jornalismo.” Eu não sei lá se fui o inventor, sei que minha maneira de retratar o fato era essa, sem trair absolutamente o fato. Agora, é a maneira de ver, de retratar né. É como o grande fotógrafo e o fotógrafo menor. O grande fotógrafo fotografa uma mesa e transforma aquela fotografia numa obra-prima, e às vezes o mau fotógrafo fotografa uma revolução e a coisa fica tão má que você não sente. Por exemplo, o Cartier-Bresson, grande fotógrafo, daqueles que fizeram a cobertura da guerra civil espanhola, e um fotógrafo mambembe aí, que fotografa mas não transmite né. É a mesma coisa de repórter né, de jornalista.

E na sua opinião qual seria a grande característica do texto de Joel Silveira?

Foi isso que eu disse. É minha maneira de escrever. Não sou eu que me defino, os críticos que me definiram, compreendeu? Disseram que eu fui o criador do jornalismo literário, ou do novo jornalismo, compreendeu? Mas nunca nenhum deles me acusou de trair o fato. Eles se referem apenas à minha maneira de escrever, compreendeu? Que é muito minha, não tive influência de ninguém. Eu comecei a escrever, a fazer jornal, com 14 anos de idade. Vim para o Rio com 19, nunca tive influência nenhuma, e as coisas que eu lia era Machado de Assis, já tinha o Graciliano. Eu sempre gostei dos bons escritores, mas nunca me influenciaram, mesmo porque o Graciliano não tem nada a ver com jornalista. Não tem nada a ver com jornalismo. Foi espontâneo, nasceu em mim. Não me ensinaram a escrever como eu escrevo, compreendeu?

O que o senhor acha do jornalismo que se faz hoje no Brasil?

Ah, o Brasil tem hoje uma grande imprensa. Você pega o Globo aí, o Estadão, a Folha, compara aí com o New York Times né, não tem nada a perder os jornais brasileiros compreendeu? Em absoluto. São grandes jornais né. A edição dominical do Estado, da Folha, é igual a do New York Times, do Washington Post. Acho a imprensa brasileira muito melhor. É melhor do que a italiana, por exemplo. Eu considero os jornais nacionais sob o ponto de vista de paginação, de aspecto gráfico e de texto muito melhores que os italianos. A italiana (imprensa) é muito verborrágica compreendeu?



Muito palavrosa, e o brasileiro conseguiu poder de síntese compreendeu? Fabuloso. Por isso a carência de espaço né. Eu considero uma grande imprensa. Não tenho a menor dúvida.

Apenas o espaço para as grandes reportagens nos jornais impressos sumiu.

É. Isso não há mais. A não ser nos suplementos especiais né. Morte do Papa. É exatamente por isso que os jornais publicam o suplemento especial sobre a vida do Papa, o que ele foi, o que ele representou, o que foi o papado dele. Aí bom, aí eles dão cobertura, mesmo porque todos os grandes jornais hoje do Brasil tem os seus correspondentes né. Antigamente os jornais brasileiros se alimentavam do que a Associated Press, a United Press, a Reuters, a France Press mandavam, que era a visão estrangeira do fato. Hoje não. Hoje se tem a visão brasileira porque se tem excelentes correspondentes. Esses correspondentes da TV Globo, por exemplo, são maravilhosos. São grandes jornalistas, grandes correspondentes, e dão a visão brasileira dos fatos. Hoje não se restringe a ter uma visão americana, ou francesa, ou inglesa dos fatos. Melhorou 100%. Os jornais brasileiros eram uma coisa horrorosa, tinha-se 30 deles e você comprava, por exemplo, O País não para ler a notícia, mas para ver aqueles artigos e teses de Rui Barbosa, compreendeu? Você comprava O Diário (Carioca) para ver os artigos do J. Eduardo Macedo Soares. Não havia notícias. O Brasil estava isolado.

Isso na década de 1930?

É, de 30. Depois da Revolução de 30 é que a coisa melhorou. Porque o Brasil se aproximou mais dos Estados Unidos né. Aí começou a sofrer a influência americana em tudo né, não só na imprensa, na literatura e tudo né.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 155-204.

MORIN, Edgar. *Cultura de massa no século XX: o espírito do tempo*. Rio de Janeiro: Forense, 1967.

PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

SILVEIRA, Joel. *O inverno da guerra*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.